

Netanyahu descarta trégua em Gaza e reafirma intenção de invadir Rafah

Hamas deixa rodada de negociações no Cairo e acusa Israel de bloquear diálogo por cessar-fogo

GUERRA ISRAEL-HAMAS

CAIRO/REUTERS. O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, afirmou nesta quinta-feira (7) que Tel Aviv manterá em curso a invasão da Faixa de Gaza, inclusive de Rafah. "A pressão internacional é que devemos parar a guerra", disse. Mas especialmente quando a pressão internacional aumenta e nos unimos contra as tentativas de parar a guerra", disse.

O Exército seguirá operando contra o Hamas em toda a Faixa de Gaza, afirmou Netanyahu, incluindo Rafah, o último reduto do Hamas. "Querem nos dizer para não agir em Rafah e estão nos dizendo para parar a guerra e isso não vai acontecer".

Israel indicou como prazo para invadir Rafah o início do Ramadã, no próximo dia 10. Superlotado por deslocados internos, Rafah é o maior centro urbano de Gaza e que ainda não foi alvo de uma invasão terrestre do Exército de Israel, embora bombardeios

atingam a cidade desde o início do conflito. O local fica na fronteira com o Egito e tem sido a porta de entrada para ajuda humanitária que não é barrada em direção ao território palestino.

A delegação do Hamas que participa de negociações por uma trégua com Israel deixou o Cairo também nesta quinta-feira, mas disse em comunicado que continuará com os diálogos pelo cessar-fogo no território palestino até que um acordo seja alcançado.

Sami Abu Zuhri, alta autoridade do grupo terrorista, culpa Israel por "bloquear" as negociações e impedir o progresso das negociações que envolvem também a libertação de reféns sequestrados pelo Hamas e mantidos em Gaza.

"A delegação do Hamas deixou o Cairo nesta manhã para consulta com a liderança do movimento. As negociações e esforços continuam para parar a agressão, devolver os deslocados internos e trazer ajuda humanitária pa-

2 **Tel Aviv diz que África do Sul age em nome de facção em Haia**

Israel acusou a África do Sul nesta quinta-feira (7) de atuar "como o braço legal do Hamas", após Pretória solicitar à Corte Internacional de Justiça (CIJ) que tome novas medidas contra Israel pela guerra na Faixa de Gaza.

"A África do Sul continua a agir como o braço legal do Hamas na tentativa de minar o direito inerte de Israel de se defender, de seus cidadãos e de libertar todos os reféns", disse o Ministério das Relações Exteriores de Israel. Clayton Morryella, porta-voz do departamento de relações internacionais e cooperar ao da África do Sul, rejeitou a acusação. "É absurdo continuar a dizer que a África do Sul está agindo em nome do Hamas", afirmou.

Em dezembro, a África do Sul denunciou Israel ao tribunal sob acusação de genocídio.



ra nosso povo", disse o grupo em comunicado. Abu Zuhri afirmou que Israel tem rejeitado durante os quatro dias de negociações no Cairo as demandas do Hamas para encerrar sua ofensiva no território palestino, retirar suas Forças Armadas de lá e garantir a liberdade de entrada para ajuda humanitária e retorno de deslocados.

que os reféns estão espalhados pela zona de guerra.

"É necessário dizer que Israel fará o que for preciso para libertar nossos reféns. Foi muito, muito claro, e isso foi reiterado pelos Estados Unidos que, infelizmente, é o Hamas que está sendo o obstáculo no momento por não nos dizer quem está vivo e quem eles têm sob custódia", disse o porta-voz do governo israelense, David Menor, nesta quinta.

O presidente dos EUA, Joe Biden, afirmou mais cedo nesta semana que um acordo para um cessar-fogo está nas mãos do Hamas. Apesar de comentários de que as negociações chegaram a um impasse, Washington defende que um acordo para uma trégua ainda é possível.

"Ainda acreditamos que os obstáculos não são intramontáveis e que um acordo pode ser alcançado, então vamos continuar pressionando", disse o porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, Matthew Miller, em Washington, nesta quarta (6).

O Ministério da Saúde em Gaza, controlado pelo Hamas, disse que o número de pessoas mortas na ofensiva de Israel chegou a 25.300. Foram relatadas 25 mortes nas últimas 24 horas e testemunhas dizem que os bombardeios israelenses continuam em Khan Yunis, em Rafah, e em áreas no centro da Faixa de Gaza.



Suécia entra oficialmente na Otan e aumenta pressão da aliança militar sobre a Rússia

SAO PAULO. O secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, saudou a entrada oficial da Suécia como membro da aliança militar ocidental nesta quinta-feira (7), descrevendo-a como histórica e disse que o país nórdico agora tem a garantia definitiva de segurança concedida pelo Artigo 5, a garantia definitiva da liberdade e segurança dos aliados", disse Stoltenberg em comunicado no X.

A referência é ao mecanismo de defesa coletiva da aliança, segundo o qual um ataque a um país integrante do tratado desencadearia uma resposta da Otan como um todo e arrastaria os Estados Unidos e outras grandes potências da aliança para uma guerra aberta contra o Kremlin — possivelmente, uma Terceira Guerra Mundial.

A entrada de Estocolmo na Otan foi concluída após meses de imbróglis que con-

tavam com a resistência da Hungria, do primeiro-ministro Viktor Orbán, simpático a Putin. A ratificação da adesão sueca pelo Parlamento em Budapeste ocorreu depois de acordo entre os dois países para a compra de quatro caças Gripen da nação nórdica.

Antes da ratificação húngara, a Turquia também demorou a aprovar a adesão da Suécia, exigindo ação mais rigorosa contra membros do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, o PKK, que, segundo Ancara, estabelecem-se na Suécia.

Estocolmo mudou leis, endureceu o combate ao terrorismo e relaxou as regras sobre vendas de armas para a Rússia, que também vinculou a ratificação do novo membro à aprovação dos Estados Unidos da venda de caças F-16 à Ancara.

O presidente dos EUA, Joe Biden, não comunicou, disse que a adesão da Suécia tornou a Otan "mais unida, determinada e dinâmica do que nunca". O ucraniano Volod-

mir Zelenskii, por sua vez, disse que "mais um país na Europa ficou mais protegido do mal russo" e aproveitou para reiterar seu desejo de fazer de Kiev também um país-membro da aliança.

"Um dia, a Suécia também parabenizará a Ucrânia por sua adesão à Aliança Atlântica", afirmou, embora esta perspectiva pareça distante para seu país em guerra. Em abril do ano passado, a Finlândia também ingressou na aliança, efetivamente dobrando a fronteira do grupo com a Rússia. Antes disso, o Kremlin usou a expansão do bloco até suas fronteiras como uma das justificativas para o que ainda chama de "operação militar especial" contra a Ucrânia, até então uma candidata a ingressar na Otan.

"Hoje é um dia histórico. O presidente Putin foi à guerra contra a Ucrânia como o objetivo declarado de ter menos Otan. Está perdendo o apoio", afirmou Stoltenberg na ocasião da entrada de Helsinque na aliança militar.

Gem Zelenskii.

Adesão de Finlândia e Suécia à Otan aumenta pressão sobre a Rússia



mir Zelenskii, por sua vez, disse que "mais um país na Europa ficou mais protegido do mal russo" e aproveitou para reiterar seu desejo de fazer de Kiev também um país-membro da aliança.

"Um dia, a Suécia também parabenizará a Ucrânia por sua adesão à Aliança Atlântica", afirmou, embora esta perspectiva pareça distante para seu país em guerra. Em abril do ano passado, a Finlândia também ingressou na aliança, efetivamente dobrando a fronteira do grupo com a Rússia. Antes disso, o Kremlin usou a expansão do bloco até suas fronteiras como uma das justificativas para o que ainda chama de "operação militar especial" contra a Ucrânia, até então uma candidata a ingressar na Otan.

"Hoje é um dia histórico. O presidente Putin foi à guerra contra a Ucrânia como o objetivo declarado de ter menos Otan. Está perdendo o apoio", afirmou Stoltenberg na ocasião da entrada de Helsinque na aliança militar.

Gem Zelenskii.